

## APRESENTAÇÃO

Vivemos em um tempo marcado por uma crise de paradigmas, em que não somente a ideia de verdade e a forma de acesso ao saber, como também os ideais educacionais são profundamente questionados. Ao mesmo tempo, é o momento em que a própria razão passa a se colocar na escuta do outro, reconhecendo-o enquanto diverso, enquanto permanente alteridade. Assim, um novo cenário vem se desenhando, reclamando diversidade, singularidade, reconhecimento contra as lógicas da homogeneização e da normatização abusiva, abrindo possibilidades de ligar e religar as diversas dimensões do conhecimento, principalmente diante da característica de inacabamento do humano, em que o diálogo emerge como condição à humanidade e como modo de ser da educação. Sem poder ficar navegando no relativismo e nem ancorado no dogmatismo, a contemporaneidade requer reflexão, participação, compreensão, decisão e ação, projetando novos referenciais, em substituição aos esquemas fechados e excludentes da razão instrumental, construindo pilares e princípios capazes de promover o humano no humano, mesmo que em um universo de inacabamento. A busca pela superação requer, necessariamente, trabalho coletivo, reflexão sobre a condição humana e a ação pedagógica em meio à diversidade. Ao mesmo tempo, requer uma relação com a diversidade não enquanto antíteses hostis, mas enquanto diferenciados que entram em comunicação, em inter-relação, sob a base do conceito adorniano de *paz*: a possibilidade de ser diferente ser ter medo.

É a própria presença do eu e do outro e de tantos outros que se constitui como o potencial da alteridade, fazendo que o interpretar e o compreender nunca se efetivem em uma única direção, nem limitem os processos educativos à linearidade da lógica fechada. Entre os indicativos, surge a necessidade do reconhecimento da pluralidade, do diálogo vivo como forma de humanidade. Podemos dizer que nos encontros das diversidades, o reconhecimento das diversidades emerge potencialmente significativo, ante a razão objetificante, como condição para a educação que se efetiva como plasmar linguístico a gerar vontades de potência de alteridade. Por conseguinte, o sujeito nunca é sujeito apenas de si, mas constituído e em constituição na perspectiva da intersubjetividade aberta.

Neste cenário de alteridade e diversidade, podemos nos deparar com um grave problema: a juridificação das ações. Isso significa que, sob a obrigatoriedade no cumprimento legal de normativas curriculares e comportamentais, corremos o

perigo de eliminarmos o senso ético da responsabilidade frente ao outro, realizando todo o esforço no cumprimento jurídico, mas nos afastado de um caráter efetivamente comprometido com a dignidade, com o viver bem e a qualidade de vida. Por esse motivo, defendemos a necessidade de repensarmos a educação na perspectiva de uma *formação forte*, para a qual as ações pedagógicas e as próprias instituições de ensino deveriam ter a preocupação central de realizar experiências formativas, a partir das quais os indivíduos experienciassem um processo ético de desenvolvimento interno de si. Nesse sentido, convidamos para a leitura dos textos e diálogo com os autores que compõem este número da Revista Roteiro, no desafio de, a partir dos referenciais teóricos propostos, potencializarmos nossas pesquisas e práticas pedagógicas.

A professora Nadja Hermann nos provoca a revermos a educação e as práticas pedagógicas à luz do conceito de pluralidade, o que nos força a revermos nossos padrões normativos e classificações homogeneizadoras. Nas palavras da autora, a pluralidade tem grande potencial produtivo, na medida em que possibilita por em cheque nossas convicções no encontro com o diverso, o que promove a tão necessária abertura de mentalidade. Hans-Georg Flickinger é incisivo em seu texto, ao questionar, à luz da Teoria Crítica, a Educação fixada no desenvolvimento de competências, ao mesmo tempo em que nos desafia a considerarmos a diversidade não simplesmente na perspectiva da juridificação, mas nos orientando pela ética. Outro ponto forte que nos vem de Flickinger é a desorientação profunda que provém da Pedagogia Crítica.

Em seu texto intitulado *A dimensão ética da interdisciplinaridade*, Luiz Carlos Bombassaro analisa as bases éticas desse tema, sobre as quais estão assentadas tanto as investigações científicas quanto a formação humana. Fazendo uso das palavras de Amarildo Trevisan, é fundamental desvendar “a racionalidade escondida por trás do amplo panorama de tratamento das catástrofes”, bem como alguns déficits das políticas oficiais adotadas no Brasil, com ênfase no enfoque multidisciplinar. Nesse sentido, a relação entre “educação, multidisciplinaridade e diversidade” é vista sob a perspectiva de articulação entre sofia e hamartia”.

O tema da educação e formação para a autonomia, à luz da escola que avalia e, ao mesmo tempo, é avaliada, é o que move José Pedro Bouffleuer em seu texto. O autor analisa a educação na perspectiva de articulação de experiências oriundas de gerações passadas e presentes. Tensiona tal desafio, em sentido específico, com as políticas de Estado que encontram na instituição escolar um espaço para efetivar “processos de ensino e de aprendizagem junto às novas gerações para a consecução de objetivos que se vinculam à ordem política que este mesmo Estado representa”.

Paulino Eidt se orienta à luz de uma problemática altamente relevante: “a escola está preparada para acolher gerações de alunos educados sem o Outro e com ausência de significações?” Assim orientado, o texto analisa os elementos constitutivos das comunidades do Oeste de Santa Catarina, e como as características da chamada pós-modernidade afetaram o modo de vida e de organização nas comunidades que compõem esse local geográfico. Outro desafio que a diversidade impõe refere-se à formação de professores e esse é o objetivo do texto de Júlio Diniz e Emília Moraes. Os autores apontam um grave problema: a formação inicial dos professores está carente de reflexões sobre esse tema, ficando sob a responsabilidade da formação continuada sanar tal lacuna.

Finalizando os artigos deste dossiê, Paulo Hentz aborda os planos de educação (Nacional, Estadual e Municipal). Assim, afirma que o cumprimento de tais planos possibilita “acelerar o ritmo do desenvolvimento da sociedade brasileira, o que tem na educação um fator importante”. Ressalta que, para isso, não pode ocorrer um processo de subordinação entre os entes federados, pois isso compromete as especificidades e a própria diversidade é posta em xeque.

Destaca-se neste dossiê a entrevista concedida pelo professor doutor Julio Emilio Diniz-Pereira às professoras Marilda Pasqual Schneider e Maria de Lourdes Pinto de Almeida, versando sobre o tema da formação de professores no Brasil, considerando a relevância desta temática no contexto do IV Colóquio Internacional de Educação.

O dossiê temático *Educação, diversidade e ação pedagógica* constitui-se a partir das conferências ministradas no IV Colóquio Internacional de Educação (Educação, diversidade e ação pedagógica) e I Seminário de “Estratégias e ações multidisciplinares” (Projeto Unoesc / Programa Observatório da Educação – CAPES), promovidos pelo Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Unoesc. Tanto o IV Colóquio quanto este dossiê constituem possibilidades de estudos e debates com o propósito de promover processos educativos capazes de responder aos desafios contemporâneos em educação. Ademais, a interação e o diálogo propiciados entre as comunidades interna e externa intensificam a efetivação do compromisso da Unoesc com a educação, desde o âmbito local, regional, nacional e internacional, por meio de ações dinâmicas em reflexão e interventoras que impliquem a transformação da realidade, em prol da construção de uma sociedade justa em contexto de diversidade.

Uma boa leitura a todos.

Maurício João Farinon  
Clenio Lago

